Da guerra, da polÃ-tica e das palavras (PARTE I)

09-Jan-2009

Tradicionalmente,
a guerra Ã© o prosseguimento da polÃ-tica por outros meios. Ela Ã©, contudo, insuficiente para explicar a estratÃ©gia do sionismo. Neste caso, a formula invertida Ã© mais precisa: para Israel, a polÃ-tica Ã© o prosseguimento da guerra por outros meios. Esta singularidade explica-se pelo facto de Israel, que nasceu numa Ã©poca em que o mundo se virava para a descolonizaÃ§Ã£o, querer manter, em pleno sÃ©culo XXI, um sistema colonial prÃ³prio do sÃ©culo XIX.

Texto de Miguel Portas, Subscritor da MoÃ§Ã£o AÂ

A
polÃ-tica da guerra nÃ£o dispensa a guerra como polÃ-tica. Para Telavive, ela serve para obter ganhos de causa Ã mesa das negociaÃ§Ãµes e para se justificar a si prÃ³pria. No primeiro caso, a vitÃ³ria ou a derrota dependem, como ficou claro na guerra dos 33 dias, contra o LÃ-bano, da verdade no terreno e da correlaÃ§Ã£o de forÃ§as internacional. No segundo caso, a justificaÃ§Ã£o Ã© a guerra por palavras. Ã‰ contra esta que o movimento de solidariedade age. Mobilizando e disputando a hegemonia nas opiniÃµes pÃºblicas. Neste conflito, o movimento de solidariedade Ã© mais forte no mundo de maioria muÃ§ulmana. JÃ¡ na Europa e nos EUA Ã© disputado e varia de paÃ-s para paÃ-s.

O
nosso caso Ã© â€œatÃ-picoâ€•: com excepÃ§Ã£o da guerra dos BalcÃ£s, da libertaÃ§Ã£o de Timor-Leste e das grandes manifestaÃ§Ãµes contra a guerra anunciada no Iraque, em Portugal os movimentos de solidariedade nÃ£o tÃªm suscitado paixÃµes de massa. A esquerda tem a sua quota de responsabilidade neste dÃ©fice. A formaÃ§Ã£o de expressÃµes orgÂ¢nicas da solidariedade exige tempo e impregnaÃ§Ã£o de cultura, bem como agilidade e inventividade. O paradoxo Ã© que este dÃ©fice coexiste com uma forte disputa de opiniÃ£o nos media. Esta constataÃ§Ã£o constitui, em si mesma, uma orientaÃ§Ã£o de trabalho polÃ-tico: mais mobilizaÃ§Ã£o, melhores argumentos.

Neste
conflito, duas questÃµes contam na disputa de opiniÃ£o dos prÃ³ximos dias:

1.
Quem comeÃ§ou. Ao contrÃ¡rio do que Israel sustenta, esta guerra nÃ£o comeÃ§ou com os rockets em 2001, nem no rompimento de uma trÃ©gua a que, aliÃ¡s, faltou desde o primeiro dia â€“ nÃ£o a assinou, nÃ£o reabriu as fronteiras e procedeu a execuÃ§Ãµes extra-judiciais na faixa antes dos rockets de novo terem comeÃ§ado a silvar. Vem de longe esta histÃ³ria. Quem viva, por exemplo, em Asqelon, nÃ£o sabe que a sua cidade, em 1949, se chamava Al-Majdal. Mas em Jabalyia, o principal campo de refugiados do Norte de Gaza, ninguÃ©m esquece que foi daÃ- que os seus pais e avÃ³s foram expulsos e as suas casas e bens destruÃ-dos. Lembram-se, como se fosse hoje. A limpeza ocorreu 6 meses apÃ³s o armistÃ-cio de 49, jÃ¡ em â€œtempo de pazâ€•.

2. A equidistÂ¢ncia. Ã‰ obsceno comparar a incerteza em
que vivem os cidadÃ£os de Asqelon com a inseguranÃ§a dos da faixa palestiniana. A desproporÃ§Ã£o nÃ£o Ã© apenas militar â€“ Ã© da ordem da vida. Se um foguete marado Ã© lanÃ§ado de Gaza, a probabilidade de cair na cidade Ã© marginal; se a atinge, a seguranÃ§a toca as sirenes e as pessoas tÃªm abrigos. Desde 2001, os foguetes fizeram

20 vÃ-timas. A inseguranÃ§a na faixa de Gaza Ã© de outra natureza. O milhÃ£o e meio de almas que ali vive nÃ£o tem sirenes nem abrigos; nÃ£o tem emprego, nem conhece a hora em que um buldozzer e tanques de guerra lhe vÃ£o varrer a casa; nÃ£o sabe quando Ã© que verdadeiras bombas vÃ£o cair dos cÃ©us ou se amanhÃ£ tem electricidade. Como se nÃ£o bastasse, vive na angÃºstia. A farinha para fazer o pÃ£o pÃ´de entrar? Terei papel para o fazer ao lume, que gÃ¡s pode nÃ£o haver e padarias jÃ¡ nÃ£o hÃ¡? Ã‰ esta a desproporÃ§Ã£o que torna obscenas as comparaÃ§Ãµes.

Â